

A ÚNICA PAZ POSSÍVEL DESDE
O ÚTERO É NO CEMITÉRIO



MARCO SEVERO

A única paz possível desde
o útero é no cemitério



Sumário

01. Caso Césio 137	11
02. Pripjat	19
03. Zaporíjia	46
04. Atol de Mururoa	55
05. Cautério	70
06. Atol de Bikini	82
07. Tumbeiro	96
08. Biblioteca de Alexandria	111
09. Atol Fangataufa	121
10. Estrasburgo, 1518	126



Aos meus pais,
que involuntariamente me ensinaram que eu
precisava seguir sozinho por um caminho através
do qual eles não conseguiriam me acompanhar.



Muito cedo na minha vida ficou tarde demais.
Marguerite Duras, em *O amante*.

Eu não sou cruel – sou apenas verdadeira.
Sylvia Plath.



01. Caso Césio 137

Meus pais foram duas pessoas que se encontraram na pequena cidade onde moravam e por razões diferentes decidiram se casar. Conforme se comprovou mais tarde, e embora dissessem aos outros e a si mesmos o contrário, não queriam ter filhos, mas colocaram a mim e minha irmã no mundo porque, no tempo deles, um casal sem filhos passava por um escrutínio social que sempre resultava na conclusão de que tinham algum problema.

Minha mãe vem de uma família de muitos irmãos, uns doze ou treze ao todo, não lembro ao certo. daquelas famílias que com o tempo vão sendo grandes à distância, porque os irmãos que não se afastam da cidade natal para estudar, se afastam para trabalhar, e se reúnem ao longo dos anos quando podem – em geral bem pouco.

Ainda muito jovem minha mãe foi estudar na capital e, anos depois, fazer faculdade. Quando partiu, já não morava na cidade onde nascera, mas em Madalena, onde seus pais fincaram moradia desde que os filhos eram todos muito pequenos, e onde conhecera o homem que se tornaria meu pai.

Ele, ao contrário, é de uma família pequena – para além dele há um outro irmão, um pouco mais novo. E só. Famílias pequenas eram incomuns no interior do Brasil dos anos 1940 – no entanto, a do meu pai era. Consta entre os parentes uma história de que minha avó era uma mulher difícil de lidar. E meu avô, um homem pacato, perdia o interesse nela porque onde a impaciência e a hostilidade habitavam, nenhuma parte dele conseguia adentrar. Foram envelhecendo numa proximidade física

mas sem companheirismo, existindo juntos apenas pela força das contingências e dos hábitos da sociedade daquela geração. Colaborava para isso a ignorância, que impediu uma conversa clara, com os olhos nos olhos, resolutiva. Meus avós paternos eram apenas geograficamente aproximados, sabiam que podiam contar um com o outro para quando os achaques fossem aparecendo e, ademais, não se casava para se separar naqueles tempos. E assim os anos para eles se transformaram em séculos.

Quando se casaram, meus pais não tiveram filhos durante vários anos porque o útero da minha mãe não sustentava a gravidez. Soube da boca dela que Marco Aurélio deveria ter sido o nome do filho do primeiro aborto. E depois, o nome do filho do segundo aborto.

Eu fui a tentativa de número três, a que infelizmente deu certo.



Quando minha mãe foi para Fortaleza em busca de uma vida diferente daquela tornada possível pelas limitações financeiras dos pais, não tinha muito o que largar para trás. Era pouco mais que uma adolescente, e se tinha algo a que se prendia eram os afetos. Idolatrava os pais, a quem achava que devia tudo, e tinha uma dívida de gratidão com alguns dos irmãos mais velhos, aos quais passou a ajudar mais adiante, quando pôde.

Uma dessas irmãs, Lúcia, havia sido como uma espécie de mãe para ela. Como minha avó havia tido muitos filhos e tinha uma saúde frágil, os mais velhos cuidavam dos mais novos; essa era uma espécie de regra não-explícita e que funcionava em quase todas as numerosas famílias daqueles tempos, época em que ainda não se

conheciam métodos contraceptivos eficazes – ou apenas ignorava-se qualquer possibilidade de reduzir uma família quando, no dizer dos antigos, que aquelas crianças viessem ao mundo era um desejo de Deus, assim como aparentemente era um desejo de Deus que elas morressem antes da idade de aprender a ler. E os desígnios divinos não podiam ser questionados para os ouvidos de ninguém, muito menos postos em dúvida até mesmo em silêncio.



Tia Lúcia sempre chegava na casa onde eu e minha irmã morávamos com nossos pais atrelada ao seu único filho, Silvio, que era uns oito anos mais velho que eu. Meus pais os pegavam na rodoviária, colocavam suas bagagens no porta-malas e, das vezes em que fui junto, lembro da tagarelice de minha tia no banco de trás e da minha mãe ao lado do meu pai, conversando com ela através do espelho retrovisor interno. Falavam sempre de forma muito alta e muito estridente, era como me soava. Eu seguia até em casa espremido contra a porta, o corpo do meu primo pressionando o meu enquanto minha tia ocupava todo o espaço que seu corpo enorme poderia, acompanhado de seus gestos de mão complementares à fala. Eu ainda não entendia que o meu primo não precisava estar tão colado a mim, mas ficava calado porque não saberia o que dizer, nem como, e a sensação de sufocamento me emudecia.

Eles quase sempre vinham no período de férias porque era quando tinham tempo suficiente para fazer os exames de rotina. Minha tia só sabia falar de doenças. Tinha um sopro no coração, respirava com um chiado no peito

como se vivesse em crise de asma, era hipertensa e diabética – quando morreu, aos mais de oitenta anos, ficou provado que minha mãe soube cuidar muito bem dela em retribuição ao que tia Lúcia havia feito a ela quando criança: de outro modo tia Lúcia jamais teria passado dos 60, se tanto. Nos vinte e poucos anos presumíveis que viveu a mais, dedicou-se vigorosamente a falar sobre cada uma de suas enfermidades para qualquer um que passasse diante da calçada onde se sentava todos os finais de tarde e ousasse lhe direcionar um Como vai? apenas por educação ou força do hábito.

Quanto ao meu primo, além de fazer exames de rotina, de vez em quando surgia a oportunidade de vir experimentar moldes de aparelhos auditivos que alguém conseguia com um vereador ou amigo que tinha algum contato, para saber se lhe ajudaria a diminuir uma grave surdez de nascença que o fazia ter, na adolescência, uma fala manemolente e por vezes incompreensível que davam à sua comunicação um aspecto de retardo. Nunca entendi muito bem por que os tantos irmãos nunca se cotizaram entre si para que não dependessem de favores de políticos ou desconhecidos com algum pequeno poder. Uns mais, outros menos, mas mesmo naquele tempo, quando um aparelho auditivo era absurdamente caro, conseguiriam materializá-lo nos ouvidos de Silvio. Minha mãe, que já pagava o plano de saúde de minha tia Lúcia, talvez ficasse de fora da cota, o que pioraria para os demais. Às vezes acho que os que podiam contribuir com um valor maior não gostavam do fato de que outros irmãos colaborariam com menos. Às vezes, acho que na verdade nem todos queriam contribuir porque existia na família uma história insidiosa de que tia Lúcia tentara

abortar o menino, e os efeitos dos remédios que ela usara o trouxeram ao mundo quase surdo. Inconscientemente, talvez aquela fosse uma maneira que os irmãos encontraram para puni-la, ao fazê-la conviver com um menino de cognição atrasada e sem qualquer resquício de altivez. Quando conseguiam se reunir nas festas de fim de ano, porém, todos diziam se amar.

Ao longo dos anos, Silvio passou a vir para nossa casa sozinho, em tempos diferentes da mãe. Primeiro em férias escolares, quando sua presença era justificada por ele não ter o que fazer nas férias em Madalena. Quando o período escolar acabou, ele vinha fazer concursos públicos para os quais sua restrita capacidade para entender conhecimentos objetivos e elaborar o pensamento abstrato jamais lhe permitiriam passar em qualquer um deles. Mas essa era sua tentativa possível de entrar no mundo dos adultos. Antes, quando eu era criança e ele vinha com a mãe, instalavam-se no meu quarto, de onde eu era expulso para que eles se acomodassem e ficassem à vontade, já que não tínhamos quarto de hóspedes. Minha irmã nunca foi desalojada de seu quarto uma única vez ao longo dos anos. Retirar uma menina de seu quarto e colocá-la na sala era algo que sequer se cogitara alguma vez. Eu tinha que ficar dormindo numa rede no meio da sala, entrando sorrateiramente no meu quarto cedo pela manhã no outro dia para pegar as coisas de que precisava para me aprontar para a escola, com muito cuidado para não incomodar as visitas. Lembro de um dia, nas vindas da rodoviária, quando perguntei no carro a caminho de casa, E vocês vieram para passar quantos dias? Eu vi pelo espelho retrovisor a cara de vergonha da minha mãe. Meu pai fez um som curto de espanto que ficou preso na gar-

ganta, mas como ele também não era muito afeito a essas movimentações dos familiares de minha mãe em nossa casa, segurou qualquer comentário repressor. A tia mal chegou e você já está querendo que ela vá embora?, disse a própria tia, com meu primo entre a gente, alheio a tudo. É que eu gosto do meu quarto, é o meu lugar dentro de casa, e vocês passam muitos dias, deixam tudo revirado e um cheiro ruim nele, eu disse. Eu não deixo nada mexido no seu quarto, Marquinho, revidou minha tia. Nessa hora meu primo percebeu o semblante alterado da mãe e passou a perguntar repetidas vezes o que estava acontecendo. Àquela altura, no entanto, eu, minha mãe e minha tia falávamos ao mesmo tempo, e meu primo, que não conseguia identificar o assunto, olhava para mim furioso. Minha tia disse que ia dormir na sala, por ela não havia problema. Eu disse que era isso mesmo que ela deveria fazer sempre que viesse. Aliás, ela e o filho. E minha mãe, como lhe era rotineiro, se saía com as frases mais estapafúrdias achando que eram argumentos: A casa é minha, você tem um quarto porque eu quero, respeite sua tia. A tia já estava chorando e dizendo que se soubesse não tinha nem vindo. Eu disse que por mim tudo bem. Ela disse que da próxima vez viria para ficar na casa de outra irmã. Sendo que ela sabia que isso era inviável, porque a outra irmã que ela pensava que podia lhe acolher tinha três filhos, morava num apartamento minúsculo, estava recém-divorciada e sequer tinha carro para levá-la aos médicos. Meu pai continuava dirigindo em silêncio.



Quando passou a vir sem a companhia da mãe, meu primo seguia ficando em meu quarto. Éramos dois homens, meus pais diziam, e era bom que eu convivesse com meu primo mais velho, meus pais diziam também. No fundo o que eles achavam é que se eu ficasse por perto poderia ajudá-lo em algo. Já ali o adulto era eu, apesar do discurso oficial ir noutra direção. Era claro, uma vez que sua quase surdez lhe causava diversas limitações.

Quaisquer que fossem elas, não o impediam de abusar de mim. Eu tinha por volta de sete anos quando Silvio começou a sair da rede onde dormia, ao lado da minha cama, para me tocar. O *modus operandi* era sempre o mesmo: depois que todas as luzes da casa se apagavam, inclusive as do meu quarto, ele dava o tempo que julgava necessário para que todos na casa adormecessem, quando então se aproximava da minha cama e tocava o meu corpo; primeiro no pescoço, no peito, até que suas mãos encontravam as minhas partes íntimas, que depois ele se punha a cheirar, inclinado sobre mim, e a lamber e beijar.

A primeira vez que isso aconteceu eu não compreendi. Meus pais, que não se tocavam em gestos de carinho, também não costumavam fazê-lo comigo ou com minha irmã. De vez em quando minha mãe nos dava um beijo de chegada ou despedida, gestos pragmáticos, dever de função. Não havia carinho espontâneo. Já meu pai podia ser muito carinhoso: às sextas-feiras, quando bebia na sala de casa acompanhado de muitas doses de uísque, música alta e de sua solidão. O afeto era algo tão inusual que somente através de outras vivências éramos capazes de senti-lo. Assim, quando uma vizinha nos dava um pin-tinho de feira, alguma colega de trabalho de minha mãe ou pai se aproximava para nos fazer festa nos cabelos, ou

nossa avó nos recebia em sua casa nas férias cheia de tijolinhos de leite, pamonha, bolos e lautos almoços, era que percebíamos as reentrâncias onde o amor tão profusamente escondido de nós fazia morada. A infância nos serviu para que apurássemos o olhar para os pequenos gestos. E era através do que nos chegava pela linguagem dos afetos alheios que aprendemos a sentir. Eu e, mais tarde, minha sempre desconfiada irmã, que por quase toda a infância viveu muito para dentro, com medo de colocar para o mundo o que cabia dentro de si, daí sua prisão de ventre costumeira e seus olhos que constantemente perscrutavam o mundo como se em busca de algum portal, fluxo de saída que ela encontrou anos depois, num voo para Londres que a retirou da rota de colisão com os nossos pais para a necessária colisão consigo mesma.

As carícias me pareceram, então, uma continuidade dos gestos amorosos aos quais eu me acostumara a receber de estranhos. Submetido que era ao que os outros queriam me dar, meu corpo recebia com entusiasmo. Mas daquela forma inédita não, então o que houve, primeiramente, foi o estranhamento quando senti uma boca lânguida cobrir meus lábios e, em seguida, meu pênis retesado, que servia ao meu primo Silvio como se fosse algum brinquedo com o qual ele se mantinha entretido numa noite insone. Eu permaneci quieto, com medo, num misto de prazer e pavor, até que ele, saciado, voltou para a sua rede. Adormeci sentindo um cheiro estranho na atmosfera do quarto – um cheiro que eu só viria a compreender alguns anos depois, dessa vez vindo de mim.

Segui sendo abusado repetidamente, a cada vinda dele para a minha casa, ano após ano.